

«Portugal / meu remorso» — é ele a falar do País. «Eu queria um jãzinho que fosse / aquiã / tuoje aquiã» — é também ele, Alexandre O'Neill, 57 anos, diante do seu fantasma, o tempo. Trinta anos de versos estão reunidos em volume e o «JL» quis ouvir este lisboeta com nome de aristocrata irlandês, recuperado de uma «panne» onde todas estas coisas mais doem, que é no coração

# Alexandre O'Neill: "Sempre 'sofri' Portugal"

Fernando Assis Pacheco

**S**empre 'sofri' Portugal», diz Alexandre O'Neill ao «JL» nesta breve — porém laboriosa: já lá vamos — entrevista com o pretexto na publicação das suas **Poesias Completas**. O sofrimento deve entender-se, acrescenta o autor da **Feira Cabisbaixa**, «tanto no sentido de não o suportar como no de o amar-sem-esperança», fórmula onde se descobriria, arrisca o poeta ecoando velhos versos parnasianos, um intenso, verdadeiro amor.

Foi Vasco Graça Moura que o convenceu a reunir a obra poética. Trinta anos de escrita, do **Tempo de Fantasmas** a **As horas já de número vestidas**, com exclusão apenas daquilo que O'Neill arruma formalmente sob a designação de 'crônicas'. Mas dá-se o caso de as **Poesias Completas** incluírem precisamente alguns textos elaborados de raiz para jornais e que ao entrevistador pareciam resolver-se como prosa. Também sobre isso fala Alexandre O'Neill. Que entretanto, anfitrião simpático, irá buscar ao frigorífico uma garrafa de água mineral sem gás — ele não bebe bebidas alcoólicas — e pedirá a Laurinda, na hora de esta chegar a casa, «ora arranja lá um chá para nós três».

A casa é na Rua da Escola Politécnica, em Lisboa, a curta distância desse Jardim do Príncipe Real que entrou por direito próprio na poesia de O'Neill. Paredes recamadas de estantes, e estas ajougadas ao peso de livros: a poesia em força, mas também artes visuais, antropologia, política, religião, enciclopédias. Uma aparelhagem de alta fidelidade do lado esquerdo do estirador-secretária. Máquina de escrever «HCESAR». Cinzeiros. Luz sem excesso.

Entro às 10 da noite e saio quatro horas depois. A última hora, porém, gastamo-la a ouvir Laurinda contar como foi um 'show' de José Afonso em Oeiras e a comentar a 'gaffe' de dois jornais brasileiros que aqui há semanas deram Octávio Paz por morto.

A entrevista fez-se com duas máquinas de escrever: o repórter do «JL» batia a pergunta, tirava a folha, estendia-a ao entrevistado, este batia a resposta, perguntava «está bem?», o repórter respondia «está, claro», e assim por diante.

Para a ficha do poeta: 57 anos de idade, lisboeta, re-divorciado, dois filhos, um matulão, Alexandre, outro pequeno, Afonso; trabalha na Lápis — Estudos Promocionais, Lda., à Travessa da Condessa do Rio; andou pela TV como 'pivot' de vários programas e jurado da infausta **Prata da Casa**, que deu mosquitos por cordas; é tão bom conversador como sovieta nas respostas dactilográfadas, o que se perceberá lendo a continuação; sempre 'sofreu' Portugal, e sempre se gastou à velocidade de um fósforo, e sempre foi vítima de nervosos miudinhos; tudo junto, (en)fartou-se e poisou o canastro na UTIC de Santa Maria, a reparar avarias cardíacas; recuperado, ri com os dentes todos.

Começamos assim:

«Surrealismo? Está tudo contado»

«JL» — Reunir trinta anos de poesia tem algum significado especial para si? Digamos, sente-se etiquetado, arrumado, com um bilhetinho por cima a dizer «trinta anos»?

Alexandre O'Neill — De modo ne-



O'Neill: «O jeito para o jogo de palavras, trocadilhos, etc., vive comigo há muito tempo e tem-me prejudicado razoavelmente na poesia, embora agora já esteja melhorzinho»

nhum! Trinta anos é apenas para passar para outra coisa. Para dizer a verdade, estava farto de tudo o que tinha escrito até à publicação destas **Poesias Completas**. Você sabe o que é conviver demasiado com o que se vai fazendo, não sabe?

P. — *Calcule o que seja. Agora falando biografia: você é de Lisboa, é um O'Neill Vahia de Bulhões (cheira-me a Santo António, desculpará) e no dizer do Cesariny em 1945, «no Café 'A Cubana', da Avenida da República», travou conhecimento com ele, ou ele consigo. Essas aventuras surrealistas ainda têm alguma coisa que valha a pena contar? Dá-me a impressão de que vários surrealistas portugueses quiseram rasurar, a partir de certa altura, o nome «Alexandre O'Neill». Responda a esta longa pergunta?*

R. — Houve um especialista em hagiografia e, particularmente em Santo António, que me disse, para grande desgosto meu, que essa de o Santo se chamar Fernando de Bulhões era uma grande lenda. Claro que não me revelou o verdadeiro nome, de modo que eu continuo a aguentar a lenda e a dizer que sou... parente do Santinho, o que me dá uma certa audiência junto das devotas que conseguem uma especial atenção do referido (e simpático!) milagreiro... Quanto às aventuras surrealistas está tudo contado, precisamente pelo Cesariny, que deve ter um baú quase tão grande como o do Pessoa. A rasura deveu-se à circunstância de eu ter abandonado a actividade grupal do surrealismo para me dedicar à política, calcule você! À política, mas naquele sen-

tido estrito da militância nos movimentos juvenis por onde já o Cesariny tinha andado. Depois, ao publicar o primeiro livro, introduzi-lhe uma nota proemial que demonstrava o fervor ridículo de todos os neoconvertidos e que dava pancada nos surrealistas ficantes chamando-lhes aventureiros, o que era perfeitamente desnecessário...

P. — *Exacto, e os que você apelida de «ficantes» mandaram cá para fora um papel basto feroz intitulado Do Capítulo da Proibidade. Parecia tudo, pois, uma família com as partilhas feitas. Mas em 1961, na Antologia surrealista do cadáver esquecido, para espanto dos observadores, o Cesariny não esteve com mais aquelas e antologiu-o mesmo. Dá para entender?*

R. — Dá, dá! O Cesariny não me cita uma única vez no **Surreal-Abjeccionismo**, que é de 1963, mas já me inclui na **Antologia** que você refere porque eu ajudei muito (e com muita honra!) a fazer cadáver.

## O advogado falhado

P. — *Passemos a outra família, a sua. Nos Poemas com endereço o O'Neill escreve: «Estou no murmúrio de desgosto da minha família / da minha família imóvel diante de mim / (...) / da minha família espiando amorosamente ferozmente os meus mínimos gestos / pronta a saltar-me em cima a reduzir-me / a mais um da família.» O jovem poeta foi mal aceite? Ou foi aceite, mas em transe pejorativo?*

R. — A minha mãe (que já lá está, coitada!), quando apanhava um poema meu — melhor seria dizer versinhos — rasgava-o logo. Provavelmente com a intenção caritativa de fazer de mim o oitavo advogado da família dela, de me transformar num causídico, como se dizia lá por casa (casa onde estive só até aos 16 anos). No fim da vida, já sentia um certo prazer em ser a mãe do poeta O'Neill, mas eu fingia que não a percebia, quando a questão era abordada...

«Vá de metro, Satanás!»

P. — *Profissionalmente você está — para mim, que o conheço há uma dúzia de anos, sempre esteve — metido nas publicidades, sendo considerado inclusive um ótimo «copy-writer». Passe por cima do adjetivo «ótimo» e diga-me rapidamente o que é isso do «copy-writer», pode ser?*

R. — Pode. Ser «copy-writer» é uma actividade engraçada pelo lado da invenção de «slogans», por exemplo. Só é chata quando o cliente não percebe as nossas intenções e acha que tudo está mal. O jeito para o jogo de palavras, trocadilhos, etc., vive comigo há muito tempo e tem-me prejudicado razoavelmente na poesia, embora agora já esteja melhorzinho. Eu descobri a publicidade através do cinema publicitário. Propus uma vez a alguém (por brincadeira, claro) que oferecesse um «slogan» ao Metropolitano de Lisboa. O «slogan» era: «Vá de metro, Satanás!». Esta brincadeira ia-me custando o emprego. Mas também fiz um, a sério, que foi muito conhecido e ainda hoje é usado (que pena não o ter registado!): «Há mar e mar / Há ir e voltar.» Os bêbados pegaram logo nele, o que é uma verdadeira consagração: «Há bar e bar / Há ir e voltar...»

«Quando foi?»

P. — *De vez em quando o O'Neill aparece a colaborar em jornais. Para mim é uma complicação, porque eu tendo, numa primeira leitura, a ler «crônicas» onde não havia nada disso, mas poemas. Por outras palavras, dessas pretensas crônicas há algumas lançadas nas próprias Poesias Completas, como poemas em prosa. Ajuda-me a descalçar este escarpim?*

R. — Dê cá o pé! O que acontece é que eu não sou, a bem dizer, um cronista. Escrevo (ou escrevia, melhor) textos para os jornais que, depois, reconheço, muito naturalmente, como textos poéticos. Então incluo-nos nos livros. Nem todos, claro. Há uns que não ultrapassam o efêmero da crônica. Outros, que lhe podem parecer prosaicos, são (ou melhor, serão) poemas em prosa, digamos, o que é muito diferente da prosa-prosa. E também me posso enganar ou apressar, e tomar por poema o que o não é...

P. — *Eu diria, socorrendo-me aliás de leitores mais atentos do que eu, que você tem um tema dominante, Portugal (a Feira cabisbaixa aparece em italiano, na versão de Joyce Lussu, como Portugallo, mio rimorso, e muito bem), e um fantasma omnipresente, o tempo (cá vai uma de O'Neill entre aspas: «Quando foi? / quando será? // eu queria um jãzinho que fosse / aquiã / tuoje aquiã»). Concorde?*

R. — É verdade. Sem pieguice, digolhe que sempre «sofri» Portugal, tanto no sentido de não o suportar (como todos nós, aliás), como no sentido de o amar-sem-esperança (como disse um parnasiano